



Antes da partida, a última foto dos bororos com o linguista do Summer Institute

# Os índios se reúnem na despedida ao velho amigo

OSCAR RAMOS GASPAR  
Enviado especial

A longínqua aldeia bororo de Gomes Carneiro, à margem direita do rio São Lourenço, no Pantanal de Mato Grosso, viveu um dia de tristeza e revolta na última sexta-feira, quando o velho chefe José Kadagare, rompendo um ritual sagrado, convidou também mulheres e crianças a entrarem na cabana dos homens, no centro da aldeia, para comunicar que o linguista Thomas Crowell e sua esposa Janet, que durante quase seis anos conviveram com eles, não mais poderiam retornar à aldeia, por determinação do governo.

Diretor do Departamento de Pesquisas Linguísticas do "Summer Institute of Linguistics", Thomas Crowell é

o responsável pela retirada dos quase 80 linguistas que deveriam deixar as aldeias até ontem e por isso, na manhã de sexta-feira, ele, sua mulher e seus três filhos despediram-se dos bororos, com quem conviveram de 1969 a 73 e de 1975 a 76, quando assumiu aquele cargo e transferiu-se para Brasília. Enquanto a também linguista — com mes-trado nos Estados Unidos — Janet Crowell, embarcava no avião dizendo que a saída tinha o sabor de um exílio, a tristeza dos mais de 100 bororos se transformava em revolta e o velho Djejo — mais de um metro e oitenta e, por isso, conhecido como João Comprido — um dos poucos que fala português, pedia ao repórter de "O Estado" para "mandar um recado ao governo".

## 'Vou a Brasília em abril'

Anote aí que em abril eu vou em Brasília — dizia o revoltado João Comprido, ouvido por homens, mulheres e crianças na cabana dos homens, onde estas últimas nunca tinham entrado — e quero falar cara a cara com o governo, saber dele porque está tirando Thomas e sua família, porque ele não pode voltar mais aqui. Vou dizer que sem eles a gente vai morrer de doença, pois a Funai não dá assistência. Thomas é nosso irmão, já salvou nossos filhos. O governo não sabe o que acontece aqui. Thomas é nosso irmão de coração, de cabeça e dos olhos. Até os cachorros e as galinhas da aldeia querem que ele volte para cá.

A revolta de João Comprido era a de todos os bororós, principalmente das mulheres e dos velhos, que durante quase uma hora falaram em sua própria língua, traduzida pelo velho chefe José Kadagare, pedindo que o repórter "falasse com o governo para Thomas voltar e ficar sempre". Thomas Crowell chegou em 1969 à aldeia de Gomes Carneiro com sua mulher, para juntos pesquisarem a língua Bororó. Em 1973 ele voltou aos Estados Unidos para fazer o mestrado, mas em 1975 voltava para morar mais um ano com os bororós e concluir a "gramática bororó", que será sua tese para o PHD, na Universidade de Cornell. Thomas garante que, como ele, todos os outros linguistas do SIL unem o seu trabalho de pesquisa à assistência aos índios, dando-lhes remédios, fazendo ligeiras cirurgias ou transportando-os nos aviões do Instituto em casos de emergência.

### AJUDA

Por isso, a velha índia Judite Djeteri dizia, na sexta-feira, que Thomas e Janet Crowell não poderiam ser proibidos de voltar à

aldeia: "Sendo que ele entende a nossa língua — dizia ela, sempre traduzida pelo "capitão" Kadagare — pode ajudar o índio, nunca deixa nossos filhos morrerem, ele olha com mais olhos, nunca brigou nem falou mal, nunca roubou do índio como alguns da Funai, com o remédio dele a gente fica boa".

Cego — como sua mulher — há mais de quatro anos, o velho Bororo Biriko também não sabia que Thomas Crowell estaria, de hoje em diante, proibido de voltar a Gomes Carneiro. E manifestava sua revolta, sentado numa "tarimba" — camarística — de onde, a exemplo de sua mulher, raramente sai:

— Ele não pode ir, não quero que ele saia. Ele é nosso irmão, fala nossa língua, é meu irmão mais novo (Thomas, por meio de um ritual Bororó chefiado pelo velho Biriko, passou a fazer parte de um dos clãs da aldeia). A Funai nunca está perto — continua o velho índio — e ele sempre está aqui, não deixa ninguém morrer. Se ele for eu vou ficar com muita saudade. Ele é bom, bom mesmo, eu vou dizer...

Sem se lamentar, Thomas Crowell diz que é obrigado a aceitar, como os outros linguistas do SIL, a realidade do momento que é a obrigação legal de deixar o trabalho de campo. Mas afirma que tem esperanças de voltar, como todos os outros. E lembra que durante o tempo que passou na aldeia não morreu uma única criança, pois a assistência nunca faltou. Suas palavras são confirmadas por todos os índios que se encontram na cabana e o velho chefe José Kadagare chama o repórter até o centro da aldeia para mostrar que ali está sepultada uma criança que morreu há poucos dias, "porque Thomas não estava mais".

A Funai, o ministro, o governo — diz Kadagare — podiam ter vindo perguntar para o índio se eles não queriam mais Thomas aqui. Soube que de todo lugar o pessoal do Instituto está sendo expulso. Isso é crime do governo. Ninguém sabe porque. O governo, o ministro, ninguém sabe o que acontece com o índio. Sem Thomas aqui a gente fica abandonado. Ele fala nossa língua, entende a gente e o brasileiro da Funai nunca fala com a gente porque não entende nossa língua.

## Para os que ficam, o pior é a dificuldade da língua

A exemplo do "capitão" Kadagare, muitos outros índios defendem a permanência do linguista na aldeia porque ele fala a língua bororó, como é o caso do velho Ukepari, que diz: "Gosto dos brasileiros, são irmãos, mas eles não entendem a gente e não podem ajudar. Quando precisava de alguma coisa aqui, procurava logo o Thomas. E agora os filhos da gente e a gente mesmo vão morrer". Só com uma perna e andando com uma muleta improvisada por dois pauzinhos, Brasília Parí Ko, quase em desespero, também não quer a saída de Thomas: "Tenho dois filhos. Thomas trata bem deles, dá remédios. Para mim também. Agora acabou tudo".

— O Summer está interessadíssimo em saber porque realmente seus elementos estão sendo retirados das aldeias, porque o governo brasileiro não quis renovar o convênio — dizia na sexta-feira um desolado Thomas Crowell, preparando-se para retornar a Brasília, de onde comandaria, como chefe de atividades linguísticas, a "operação retirada".

Thomas lembra que primeiro foi alegado, como motivo, as alardeadas suspeitas de que os aviões do SIL estavam sendo utilizados para contrabandear minérios, inclusive urânio. Depois, segundo ele, foram as críticas ao ensino bilingue, inicialmente condenado pelo ministro Rangel Reis, "que voltou atrás". Crowell lembra, ainda, que "falaram até de sofisticadas pesquisas minerais, de possantes rádios e de vôos clandestinos" para justificar a denúncia do convênio, sem contar as críticas às atividades missionárias dos pesquisadores do SIL, que praticam uma ação evangélica sem pregações, sem doutrinações, mas apenas pelo exemplo do dia-a-dia".

## A ajuda poderá continuar

Apesar da determinação para que seu pessoal deixasse, até ontem, as aldeias onde atuava em todo o Brasil, o "Summer" continuará prestando todo apoio à Funai, se as autoridades federais assim o desejarem. E parece que não haverá outro caminho: os seis aviões do Instituto prestam, em todo o País, assistência à Funai, transportando sertanistas, técnicos e pessoal médico, além de índios doentes, em casos mais graves. Os rádios do SIL têm sido de grande utilidade em inúmeras reservas indígenas, onde a Funai não dispõe de qualquer equipamento, como ocorre com os Nabikwaras, em Mato Grosso.

— Parece irônico que a Funai vá continuar precisando utilizar essa infra-estrutura do SIL, mas nós estamos prontos para oferecê-la e já mandamos uma carta ao general Ismarth de Araújo Oliveira oferecendo nossos aviões e o que a gente puder mais — dizia ontem Thomas

— Enfim — sustenta o diretor do Departamento de Pesquisas Linguísticas do SIL — o "Summer Institute of Linguistics" está sendo expulso das aldeias sem saber porque. Estamos como criminosos que estão sendo julgados sem culpa formada e sem direito à defesa. Em alguns países estão acostumados a isso, mas nós, nos Estados Unidos, não. Sem culpa formada, o Summer está buscando, dentre várias hipóteses, os motivos que levaram o governo brasileiro a não renovar o convênio para a continuação dos trabalhos.

### VINGANÇA

Até mesmo uma possível "vingança" do governo brasileiro pelas pressões que o governo Carter exerceu ou tentou exercer para neutralizar o acordo nuclear Brasil-Alemanha foi aventada como "hipótese plausível" por Thomas Crowell, lembrando que "se os acordos militares foram denunciados não custava denunciar um convênio científico".

"Pressões estranhas" contrárias à posição dos linguistas do "Summer" que, até mesmo pela simples presença exercem o papel de defensores das terras indígenas, críticas da comunidade científico-religiosa reunida recentemente em Barbados, que condenou a atuação do "Summer" por considerá-la violentadora das culturas atávicas, e, por fim, diz Crowell, "sabemos que tem alguns militares que vêem comunista em toda parte e sob qualquer pretexto, até mesmo pelo simples fato de se conservar a barba".

Todas essas são hipóteses que o pessoal do SIL admite como "prováveis" para a não-renovação do convênio e continuação dos trabalhos de pesquisa, desenvolvidos ultimamente em 36 diferentes tribos brasileiras, dez das quais em Mato Grosso.

Crowell. Acrescentou que mesmo fora das aldeias o interesse é ajudar o índio e "como a Funai trabalha para o índio, apoiando a Funai estamos ajudando o índio, indiretamente, ao menos por enquanto, pois o que queremos é voltar às aldeias".

Trabalhar como consultores da própria Funai é uma possibilidade que está sendo acenada para os pesquisadores do "Summer", mas o diretor de pesquisas linguísticas disse que isso "só em último caso". E explica:

— Como poderemos ser consultores se não sairmos para o campo, para pesquisas? Não se pode ser consultor de gabinete dentro de um campo de ciência tão viva quanto a linguística.

E como a grande maioria dos quase 80 linguistas do "Summer", ele acreditava ontem, ao retornar para Brasília com sua família, que um dia poderá voltar a continuar seu trabalho junto aos bororos da longínqua aldeia de Gomes Carneiro.

### CLINICA PAULA SANTOS

Ouvidos - Nariz - Garganta

Dr. Horacio de Paula Santos - CRM 2348

Dr. Sérgio de Paula Santos - CRM 3754

Dr. Luiz Augusto de Lima e Silva - CRM 17313

Alameda Jaú, 1767-1º andar

Horário: das 14 às 18 hs.

Tels. 853-9223

São Paulo